

Aleph

*[...] disse que a guerra servia, como a mulher,
para pôr à prova os homens e que, antes de
entrar na batalha, ninguém sabia quem é.*

(Jorge Luis Borges)

“Temo”, rascunha em um pedaço de papel o homem subitamente despertado de sonhos intranquilos na calada da noite. Sujeito oculto pelo verbo que declina em primeira pessoa um temor tão desconhecido quanto perturbadoramente familiar.

De volta à sua Buenos Aires natal o investigador penal Benjamín Espósito decide escrever sobre um crime ocorrido vinte e cinco anos antes. Uma jovem mulher fora brutalmente violentada e morta. Após a investigação por ele capitaneada, o assassino, condenado à prisão perpétua, ganhara a liberdade em troca da “colaboração” com a polícia política do governo peronista da época. Seu amigo Pablo Sandoval, também investigador, fora assassinado em seu lugar, aparentemente por engano. Benjamín Espósito refugiara-se no interior do país, deixando para trás Irene Hastings, jovem e brilhante advogada a quem jamais tivera a coragem de declarar seu amor.

Transcorrido um quarto de século, Espósito decide retornar ao caso, agora como autor de um romance. Sem saber, é sua própria história que será escrita ao se reencontrar com a bela Irene - que nesse ínterim se tornara uma respeitável juíza -, com quem compartilha a ideia sobre o livro. Ainda que sem compreender o desmedido interesse de Benjamín pelo caso encerrado há tanto tempo, Irene o presenteia com uma antiga máquina de escrever. Nesta, a tecla que corresponde à letra *a* encontra-se, há anos, defeituosa: esta é a única letra que não pode ser impressa.

Acossado pelas lembranças, Benjamín Espósito pretende acertar as contas com o passado. Não o seu - com o qual se encontrará à sua revelia - mas com o crime deixado impune. O amor eterno e idealizado que atribui ao marido da jovem assassinada parece ter por função encobrir seu próprio recuo diante do desejo.

Durante vinte e cinco anos Espósito vivera obsedado por este crime, parasita de uma história que não lhe pertence – como lhe faz ver Ricardo Morales, o viúvo. Refém de seu afã por justiça este se impusera uma condenação perpétua, atrelada à do criminoso. Sua pena fora o silêncio mais corrosivo, degredo da palavra.

Irene, ao contrário, construíra uma vida para si – se casara, tivera filhos, consolidara sua carreira jurídica. Não ficara à espera de Benjamín, embora também o amasse. “Olhar para trás não é minha jurisdição”, ela lhe diz com a sabedoria prática que algumas mulheres têm.

Dedicando-se à ficção, o investigador precocemente aposentado tropeça no real deparando-se com o ponto fixo em torno do qual sua vida, até então, girara - *fixação*. Ao evocar o momento de sua despedida de Irene na estação de trem tantos anos antes, Benjamín é por ela interpelado: “Por que você não me levou?”. Cego de razão, não percebera que não se tratava de (fazer) justiça, mas (de não ceder) do desejo.

Ao escrever a estória que supõe ser a de um outro, Benjamín Espósito se encontra com a sua. Nela, há uma letra que falta, *a*, causa de desejo que por não ter representação se escreve em perda. É esta letra que, introduzindo-se na enigmática palavra “temo”, retroativamente faz dela um lapso: “Te *a* mo”, ponto de fuga no qual o sujeito é aspirado -, desejo e ato. *a*-diante! Um novo começo, *aleph*.

Benjamín finalmente vai ao encontro da mulher que sempre amou. Desta vez, não para resgatar o passado, mas para escrever o futuro. Irene ri.